

## O que sustenta a sustentabilidade?

Rita Mendonça

O tema sustentabilidade tem envolvido um número cada vez maior de pessoas, seja por sentirem uma real responsabilidade pelos destinos da humanidade, seja por modismo ou pressão social. Ninguém discorda de que todos precisamos, em maior ou menor grau, de uma educação para a sustentabilidade, que seja reflexiva o suficiente para que as origens e os processos que resultaram no mundo de hoje sejam bem compreendidos, e que seja também prática, para que possamos agir desde já, com aquilo de que dispomos.

O termo sustentabilidade em si remete a diversas interpretações, muitas compreendendo os aspectos econômico-socio-ambientais de nosso mundo, outras se concentrando nos aspectos econômicos, outras ainda incluindo mais variáveis tais como as questões psicológicas, simbólicas e espirituais. As diferentes interpretações deste termo conduzirão seu porta-voz a ações diferentes, mas todas elas muito positivas e construtivas, deixando-nos otimistas sobre a capacidade de envolvimento e disposição para a transformação por parte de tanta gente.

Mas há algo fundamental, situado no cerne da questão e que é o mesmo para todas as abordagens: há um núcleo que sustenta, na prática, qualquer visão de sustentabilidade que é a vida. E curiosamente lê-se e pratica-se muito pouco a respeito da importância do reconhecimento da vida como um valor fundamental, sem o qual nenhuma interpretação ou prática da sustentabilidade tem sustentação duradoura.

Talvez aqui o leitor já esteja pensando na polêmica do que é a vida, quando ela começa, etc. Mas não é essa minha intenção. Meu desejo é chamar a atenção para aquilo que é tão óbvio para nós que realmente temos uma enorme dificuldade para reconhecer. Independentemente de quando ela começa ou começou, há uma vida pulsando em nós e em tudo o que nos sustenta verdadeiramente. Se percebêssemos isso com clareza e intensidade,

seguramente teríamos outras referências para tomar nossas decisões do que as que usualmente lançamos mão, na grande maioria das vezes meros produtos de nossa imaginação.

A vida hoje para nós não constitui um valor em si, apesar de falarmos tanto sobre sustentabilidade. Valem mais objetos inanimados pelos quais lutamos para obter e fazer aumentar nossa coleção, do que seres vivos que, naturalmente, não dependeriam de nós para sobreviver. Quando batem o carro, muitas pessoas preocupam-se mais com suas perdas materiais do que com a vida do outro. No entanto, algo material pode ser, em princípio, repostado, mas uma vida perdida é um elo da corrente que se desfaz sem ter terminado seu caminho. Se não enxergamos nem sentimos a vida, então não lhe damos valor: essa parece ser uma norma implícita que orienta nossos comportamentos. Vale mais aquilo que se pode comprar e não aquilo que se pode compartilhar. Pois sabendo ou não a vida que pulsa em qualquer ser, humano ou não, é uma vida que compartilhamos desde que ela emergiu neste planeta. Somos parte de um novelo que vem se desenrolando e que, no nosso caso, também temos a possibilidade de ajudar a desenrolar.

Desde o início da vida na Terra muitos caminhos foram trilhados para chegarmos a ser quem somos hoje. Glaciações, cataclismas, deriva de continentes, chuvas de meteoritos, entre tantas outras dinâmicas modelaram e modelam nosso planeta. Muitas espécies se extinguiram e tantas evoluíram, revelando um processo sem fim. Mas não conheço indicações de que a vida tenha em algum momento se extinguido. Apenas inúmeras de suas manifestações deixaram de existir, dando lugar a outras. Podemos dizer que a vida se manteve como um *continuum*, tomando diversas formas nos diferentes tempos e espaços. As manifestações da vida formam um conjunto que se auto-regula, tomando formas variadas de acordo com suas interações. Podemos dizer que nossa maior e melhor referência de sucesso é a vida: ela é algo que realmente deu certo nesse mundo.

Essa vida só pode ser sentida, percebida e conservada em nossos corpos, nos corpos dos seres vivos. A vida não pode ser compreendida pela abstração de nossos pensamentos, pela ampliação de nossa racionalidade. Só o corpo pode entender o vivo, pela experiência. Por isso, num processo de educação para a sustentabilidade, é fundamental que se dê espaço e valor para os processos de percepção do vivo, ou seja, de percepção sensível do pulsar da vida que carregamos em nossos corpos e que os outros seres vivos carregam nos seus.

Pelo distanciamento da Natureza, que vem sendo praticado há milênios, a educação para a percepção do vivo deve ser conduzida de forma muito cuidadosa, considerando não só nossas atualidades culturais e históricas, como um conhecimento profundo de nossas potencialidades enquanto seres biológicos. A Natureza é a biblioteca que conta nossa história, a história do longuíssimo período anterior ao surgimento do pensamento. Essa educação deve ajudar as pessoas a reconectarem-se com suas origens biológicas e identificarem na experiência sensível o que é que nos torna humanos: para além de nossa impressionante capacidade de pensar e transformar o mundo está nossa possibilidade de ampliar a percepção consciente (awareness) desse mundo, até chegar à consciência do ponto de partida, sentindo que a força que pulsa em um ser unicelular é a mesma que nos faz viver. Por isso é uma educação essencialmente vivencial, que complementa esse enorme espaço deixado pelos processos educativos eminentemente focados na transmissão de informações científicas sobre a vida.

Ao senti-la conscientemente percebemos que fazemos parte da comunidade formada por todas as unidades viventes que já surgiram nesse planeta e que criaram e criam as condições para que hoje sejamos como somos. Sem a percepção consciente desse pulsar dificilmente seremos capazes de construir um processo civilizatório efetivamente sustentável, que possa garantir a perpetuação da vida das primeiras gerações de seres vivos e conduzi-la para as futuras gerações terrestres.

Rita Mendonça é educadora e escritora. Desenvolve programas de aprendizagem tendo a Natureza como referência. É sócia-diretora da Romã-consultoria em educação, meio ambiente e cultura, diretora presidente do Instituto Romã de Vivências com a Natureza ([www.institutoroma.org.br](http://www.institutoroma.org.br)) e representante da *Sharing Nature Foundation* no Brasil desde 1996. Escreveu os livros: Como cuidar do seu meio ambiente, À sombra das árvores e Conservar e criar - Natureza, cultura e complexidade.